



Volume 11 – Número 26  
**DOSSIÊ: ESPIRITUALIDADES INDÍGENAS**  
doi: [10.25247/paralellus.2020.v11n26.p003-008](https://doi.org/10.25247/paralellus.2020.v11n26.p003-008)

## **A IDENTIDADE INDÍGENA E A AFIRMAÇÃO ÉTNICA: UM PERCURSO TRAÇADO PELA RELIGIÃO**

INDIGENOUS IDENTITY AND ETHNIC AFFIRMATION: A PATH TRACED BY  
THE RELIGION

*José Adelson Lopes Peixoto<sup>1</sup>*

Lançar um número de uma revista científica é uma tarefa marcada por profunda responsabilidade e entusiasmo, por se tratar de publicizar os frutos de uma aproximação entre aqueles que destinam boa parte da vida ao trabalho intelectual, à produção de novas perspectivas sobre determinados fatos ou fenômenos e o grande público que raramente tem acesso aos resultados encontrados.

Revistas como a *Paralellus* e algumas outras revistas filiadas a um Programa de Pós-Graduação são tidas como raras e preciosas possibilidades de tornar visíveis, de forma ampla e irrestrita à sociedade, os resultados de estudos e pesquisas. São ferramentas destinadas ao atendimento de uma das principais finalidades da Universidade, a promoção do debate e promoção da desnaturalização do que já está naturalizado, como fomentar os dissensos e consensos sobre as teorias, as abordagens e os métodos científicos.

Cientes da importância da circulação dos saberes e do debate acadêmico, com muito prazer publicizamos este novo número da *Revista Paralellus*, do Programa de

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Religião pela UNICAP, com Pós-Doutorado na mesma Instituição. Professor Adjunto na Universidade Estadual de Alagoas, Campus III – Palmeira dos Índios, coordenador do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas – GPHIAL e coordenador da Licenciatura intercultural indígena de Alagoas – CLIND. E-mail: [adelsonlopes@uneal.edu.br](mailto:adelsonlopes@uneal.edu.br).



Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, com o título **Espiritualidades Indígenas**. A temática abordada atende à nossa percepção de que no rol das religiões existentes no mundo tem sido rara ou incomum a inclusão das religiões dos povos indígenas, o que nos parece não ter sido por mero desinteresse no estudo do tema. Talvez a razão mais próxima repouse no fato de que alguns fragmentos da nossa sociedade não os consideram dotados de religião real e verídica, mesmo circulando o postulado de Durkheim enfatizando que

Não há, pois, religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua maneira: todas respondem, ainda que de maneiras diferentes, a determinadas condições da vida humana (...). Portanto, se nos voltamos para as religiões primitivas não é com a intenção de depreciar a religião em geral, porque estas religiões não são menos respeitáveis que as outras. Elas respondem as mesmas necessidades, desempenham o mesmo papel, dependem das mesmas causas, portanto, podem perfeitamente servir para manifestar a natureza da vida religiosa e, por conseguinte, para resolver o problema que desejamos tratar (DURKHEIM, 1983, p.91).

Compreendemos, pois, que assim como a indígena, numerosas outras religiões também ficaram à margem do processo de visibilidade e reconhecimento, carecendo de amplos estudos, debates e atenção. Dessa forma, reunimos trabalhos de grandes pesquisadores da temática e apresentamos suas concepções à academia e ao leitor, com o intuito de incitar o desejo de ampliação do debate que culminará em outras publicações e na alocação da religião indígena em um patamar de maior visibilidade e importância no campo das Ciências da Religião.

\* \* \*

Os textos aqui reunidos, oriundos dos estudos do prof. Dr Alexandre Ferraz Herbetta, da Universidade Federal de Goiás, Prof<sup>a</sup>; Dr<sup>a</sup>. Clarice Novaes da Mota, da Universidade Federal de Alagoas, atualmente residente nos dos Estados Unidos da América, da Professora Dr<sup>a</sup> Paula Maria Guerra Tavares, da Universidade do Porto – Portugal, do Prof. Dr. Siloé Soares de Amorim, da Universidade Federal de Alagoas e do Prof. Dr. Manoel Gomes Rabelo Filho, do Instituto Federal de Roraima, levam o leitor a fazer uma viagem pelo universo religioso de alguns povos indígenas do Brasil e da América Central.

Inicialmente o professor Alexandre Herbetta descreve um pouco do universo religioso e político dos indígenas Kalankó, habitantes do município Água Branca, no Sertão do Estado de Alagoas, destacando os processos de articulação da vida cotidiana do indígena sertanejo com as forças das *entidades encantadas* enquanto potencializadoras de transformações como as retomadas territoriais. O autor estabelece um profícuo diálogo entre a noção de cosmopolítica indígena e as questões políticas formuladas naquela região, destacando o papel da religião na modelagem identitária daquele povo indígena.

Com o título *Religiosidade Indígena nas Américas*, a professora Clarisse Mata elabora uma descrição sobre a cultura religiosa de alguns povos indígenas originários das Américas do Norte, Central e Sul, destacando seus sistemas de crença, as similaridades e diferenças entre tais sistemas, antes e depois das invasões europeias. A autora analisa as diferenças entre religião e espiritualidade, chegando a concluir que os sistemas de crença nativos se baseiam mais em espiritualidade original, definida como uma ligação com os espíritos da natureza, do que em religiões portadoras de dogmas. Sua análise é pautada em estudos de casos específicos entre nativos como os Mayas da Guatemala, os Laika do Peru e os Xocó e Kariri-Xocó do Brasil, citando, ainda, os nativos americanos dos Estados-Unidos e do México.

A professora Paula Guerra faz uma abordagem sobre as cosmologias, os rituais e a interação simbólica do povo Xukuru, de Pesqueira, em Pernambuco. Refutando algumas teorias clássicas a autora descreve como tais indígenas configuram seus espaços e rituais sagrados a partir da execução e exibição pública do Toré em eventos festivos como o dia de São João e nas comemorações à Nossa Senhora das Montanhas, *Mãe Tamain*. Esse estudo nos leva a compreender as dinâmicas de aproximação e afastamentos da religião dos Kukurú com a religião Cristã Ocidental, deixando-nos desafiados a compreender os rituais praticados por desses indígenas, apesar de contaminados de modernidade, importantes enquanto mobilizadores e potencializadores da identidade e memória coletiva.

O professor Siloé Amorim, no artigo intitulado “*pajé, encantados e promessas nos entendimentos de práticas religiosas indígenas em Alagoas*” promove profundas reflexões sobre as dicotomias na compreensão de termos como Pajé/Pajelança,

associados ao termo Xamã/Xamanismo. O estudo é resultado de experiências etnográficas do autor entre as etnias indígenas do Alto Sertão Alagoano e das suas vivências e debates em eventos acadêmicos e entre os povos indígenas. Nesse sentido, o autor descreve alguns rituais praticados pelo povo Karuazú, no município de Pariconha, Sertão de Alagoas, destacando os papéis desempenhados pelos pajés, configurados como pajelanças a partir de sentidos religiosos representados nos rituais de Pagamento Promessa aos Encantados, importante elemento da sua configuração identitária.

No sentido de compreender a religião como resposta aos anseios e às condições culturais de um povo, o professor Manoel Rabelo apresenta um estudo sobre a *Magia do Kanaimî* entre os povos Macuxi e Wapichana de Roraima. A partir dos conceitos de magia, elaborados por Marcel Mauss, o autor discorre sobre algumas ações violentas e alguns rituais e fenômenos atribuídos ao Kanaimî, fazendo-o ser concebido como um ser temido pelos povos da região de Roraima. Dessa forma, o texto nos apresenta a divindade religiosa como um ser do mal e com isso, levanta o questionamento sobre o papel, a simbologia, os sentidos e os papéis da religião no cotidiano e no imaginário dos referidos indígenas.

\* \* \*

Na segunda parte desse número, a sessão Temática Livre aborda três estudos: o primeiro, do pesquisador Ronivaldo Moreira de Souza, da Universidade Metodista de São Paulo, através de uma revisão bibliográfica promove uma reflexão sobre a maneira como a ética protestante incorporou o espírito capitalista. O artigo, intitulado “E haja Deus: capitalismo, religião e a criação do indivíduo conquistador na sociedade de hiperconsumo” desperta a necessidade de termos um olhar mais atento sobre o cotidiano dos indivíduos que vivem o dualismo entre o que é e o que deseja ser, marcando essa dualidade como o espaço onde a religião atua. A segunda obra, escrita pelo professor Breno Martins Campos, da PUC-Campinas, em parceria com seu orientando, o jornalista Felipe Manoel Zangari Flor, sob o título “O discurso religioso na mídia de massa”, discutem a utilização da TV aberta como veículo de difusão de uma ideologia religiosa indutora de fiéis entre comunidades. Os autores enfatizam o

papel exercido pela mídia televisiva no atendimento do propósito de conversão das massas.

O terceiro estudo que compõe a Temática livre traz o resultado de uma pesquisa muito cuidadosa e importante sobre o a utilização de nomes de santos, especialmente de Maria, em plantas utilizadas pela medicina popular, inclusive por indígenas. O artigo intitulado “*Maria, dos andores à medicina caseira: seu nome e os nomes populares das plantas medicinais*” escrito pelas pesquisadoras Rinalda Araújo Guerra de Oliveira da UFPB, Anamélia Soares Nóbrega – UNICAP e Valdelene Nunes de Andrade Pereira UFPB, dialoga com a temática do Dossiê, pois os indígenas usam muitas das plantas, descritas nesse estudo, para produzir bebidas e infusões usadas nas práticas curativas realizadas nas aldeias. O estudo é muito importante e destaca-se, também, por inferir que a religiosidade popular está espalhada nos jardins, nos quintais e nas feiras que comercializam plantas medicinais de norte a sul do Brasil. Com essa discussão, as pesquisadoras evidenciam a importância do diálogo inter-religioso entre os saberes cristãos, afro-brasileiros e indígenas, destacando que o ato de nomear uma planta medicinal com um nome de base religiosa não altera as suas propriedades químicas, mas agrega, na concepção do devoto, um valor religioso e uma força de intercessão junto ao Sagrado.

\* \* \*

A terceira e última parte do número é destinada à apresentação de uma resenha do livro “Senhor Deus da Verdade” escrito por Gordon Haddon Clark, originalmente intitulado “*Lord God of Truth and Concerning The Teacher*”, traduzido por Ângela Ricci, Felipe Sabino de Araújo Neto e Marcelo Herberts e prefaciado por John Robbins. Publicado em 2018, o livro reúne em um único volume duas obras clássicas que discorre adequadamente sobre o empirismo. A resenha escrita pela doutoranda em Ciências da Religião – UNICAP, Mary Katherine Araujo de Souza, defende que a temática central do livro está na convergência entre as ideias de dois pensadores que viveram em épocas distintas, mas tiveram a intrepidez de lançar esforços sobre a questão da epistemologia, o estudo sobre a natureza do conhecimento. Em sua análise, afirma que se trata de uma obra complexa porque se desenvolve por meio dialógico e dialético (onde o tema é desenvolvido de modo teórico e assistemático).

O Dossiê reúne textos que presenteiam o ambiente acadêmico pela qualidade e relevância dos temas abordados e pelas contribuições baseadas em reflexões fundamentadas e ponderadas, muitas das quais são frutos de ampla pesquisa de campo e de vivências em comunidades indígenas. Na tentativa de resumir este número em uma frase, eu diria que apresenta discussões sobre a heterogeneidade da religiosidade indígena, procurando evidenciar o sagrado como elemento formador da identidade indígena e potencializador da afirmação e do pertencimento étnico.

Não tivemos a intenção, de neste Dossiê, fazer um inventário das diferentes religiões indígenas do Brasil e das Américas, pretendemos, pois, apresentar alguns contextos e situações que caracterizam a singularidade de determinada religião, possibilitando ao leitor entender algumas das características dos sistemas de crenças existentes entre os índios do Brasil.

Desejamos que esta coletânea seja um marco para a abertura de novos debates e olhares sobre os povos indígenas enquanto detentores de religiões singulares, de rituais próprios e de saberes específicos que têm sido, por eles, sabiamente utilizados como elementos identitários, fortalecedores do pertencimento étnico (PEIXOTO, 2018), sustentáculo de saberes e práticas milenares e, notadamente, elemento definidor da etnicidade no Nordeste Brasileiro. Boa Leitura!

## REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Emile. **Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo, Paulinas, 1989.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Minha identidade é meu costume: religião e pertencimento entre os indígenas Jiripankó – Alagoas**. Recife: UNICAP, 2018 (Tese de Doutorado em Ciências da Religião) p. 195-196.